

Relevô



business

PARANÁ
MAI./16
ANO VI

OS MELHORES SHOPPINGS PRA VOCÊ
MORAR SEM SER DESCOBERTO

100% DE APROVEITAMENTO NO TINDER:
PERGUNTE-ME E EU COMO

“QUEM QUER, SOBE!”
O DEPOIMENTO DE UM
ELEVADOR CENTENÁRIO



SERGÍNHO DINIZ:
um empreendedor nato

Editorial

4 LISA
ALVES

10 WHISNER
FRAGA

9 ANA ELISA
RIBEIRO

11 FELIPE F.
MUNHOZ

15 MARCELO
PIACECKI

16 SANDRA
REGINA

19 DEMETRIOS
GALVÃO

18 GABRIELA
VENTURA

17 GABRIELA
CARVALHO

22 ADELAIDE
IVÁNOVA

A edição de abril do **RelevO**, a de número 89, ou 88, provavelmente 87, quiçá 90, demarca a última coluna do ombudsmanato do jornalista paranaense Ben-Hur Demeneck. Por nove meses, ele foi o representante dos leitores e o intermediário entre a redação, os assinantes, anunciantes e o mercado. Foi nosso quarto ocupante do cargo mais odiado da imprensa mundial – o ombudsman é aquele ouvidor do leitor que consegue a bisonha unanimidade de ser detestado tanto por jornalistas quanto por *publishers*, em um caso raro de encantamento editorial. Demeneck sucedeu as penas de Osny Tavares, Whisner Fraga e Carla Dias, todos sempre muito duros e, ao mesmo tempo, gentis na desgraça.

O último ombudsman chegou em um momento de crise financeira do periódico, claudicante mês a mês, e trouxe, mesmo assim, um viés analítico frio e suficientemente distante, entendendo nossas limitações sem ser induzido à piedade excessiva. Em muitos casos, é preciso dizer, o jornalista ultrapassou as fronteiras do ombudsmanato para vestir a camisa do nosso projeto (não lucrativo porque não consegue): distribuiu jornais, divulgou nosso trabalho nas redes sociais e foi às profundezas de nossa estrutura para melhor entendê-la e significá-la. Temos muito a agradecer ao trabalho realizado. Certos estamos de que, sim, esta é uma função fundamental para o nosso periódico, um espaço fundamental de discussão acerca do meio literário e ideário maior de democracia plena, plural, respeitosamente contraditória e, sobretudo, alameda para o exercício cotidiano de caráter.

Que venha o jornalista Silvano Demétrio para um mandato de três a nove meses, a depender de seu humor. Ele está livre para nos destrinchar e interpretar nossa busca, nosso mistério gozoso, que é circular um impresso de literatura em pleno 2016 – aos farrapos, sem perder a ternura.

Uma boa leitura a todos.

expediente

Fundado em setembro de 2010.

Editor Daniel Zanella

Editor-Assistente Ricardo Pozzo

Ombudsman Ben-Hur Demeneck

Revisão Mais ou menos

Projeto Gráfico Sempre

Impressão Gráfica Exceuni

Tiragem 3500

Edição finalizada em 5/5/2016.

errata

Na canção ‘Chega de Saudade’, aos 2 minutos e 31 segundos, João Gilberto erra uma nota e, constringido, emenda um solo de guitarra, também conhecido como bukkake.

ilustrações

As fotos de Serginho Diniz são uma empreitada da Redação, com a ajuda inestimável de Cassio Oliveira e Guilherme Ganem.

*quer ilustrar para o RelevO? escreva
para jornalrelevo@gmail.com*

interwebs

 /jornalrelevo

 /jornal.relevo

 /jornalrelevo

@ jornalrelevo@gmail.com

Enclave, a newsletter

Enclave é a nossa newsletter quinzenal editada por Mateus Ribeirete, o atleta menos enganado pela linha de impedimento. Em linhas gerais, é uma turnê de força por assuntos ocasionais do meio cultural, com apelo ao hipertexto: em um clique você pode ir de Jota Questa aka Maroon 5 a guerras nucleares (não temos certeza disso).

Para assiná-la, basta acessar:

<http://jornalrelevo.tumblr.com>

prestação de contas abr/15

ANUNCIANTES

R\$ 120 Escola de Escrita; **R\$ 100** Editora Penalux; Bardo Tatára; **R\$ 50** Avon; Loterias Avenida; Fisk; Torto Bar; Toda Letra; Ehlkefarma; Maidan; Livrarias Joaquim (total: R\$ 720).

ASSINANTES

R\$ 50 Gabriel Protski; Gissele Chapanski; Robson Vilalba; Ismael Alencar; Katia Brembatti; Felipe Adão; Rodrigo Bernardi; Emerson Castro; Cindy Carlos; Jadson André; Cesar Felipe Pereira; Severo Brudzinski; Flávio Jacobsen; Isabella Lanave; Thomaz Ramalho; Felipe Lui Custódio; Marcelo Piaccecki (total: R\$ 850).

CUSTOS

Gráfica: R\$ 1.145
Distribuição: R\$ 100
Assinantes: R\$ 350

Receita total: R\$ 1.570
Custo total: R\$ 1.595

Balanço: R\$ -25

Assine

O **RelevO** nunca foi reconhecido por ser bom na arte de fazer negócios. Por isso, nós dependemos tanto do apoio dos assinantes.

O que fazem os assinantes? Por R\$ 50 ao ano, recebem os exemplares no conforto de suas humildes residências. E é bem simples: basta enviar um email dizendo: “Como faiz?”. Nós damos as coordenadas e a mágica acontece.

da Enclave #29:

#3 Algumas pessoas têm dificuldade em reconhecer rostos. Confundem pessoas; não lembram de traços; descrevem características faciais sem qualquer precisão. Outras não reconhecem rostos de maneira alguma, isto é, nem de familiares, nem de grandes amigos, e, em alguns casos, nem delas mesmas. À cegueira facial – um problema cognitivo sério – dá-se o nome de prosopagnosia.

Quem sofre de prosopagnosia pode não apresentar nenhum outro problema de visão, muito menos intelectual. É possível até que algumas delas vejam partes específicas, como nariz, boca e olhos. Entretanto, rostos como um todo não são reconhecidos – e você imagina as complicações sociais que isso pode causar, ainda mais em uma criança.

O problema pode ser causado por meio de uma lesão na área fuseforme de faces do cérebro, ou FFA (termo que não significa nada para nós, mas vai que te liga a outras informações). Também pode ser simplesmente congênito, fazendo com que alguém passe a vida inteira sem entender como é reconhecer um rosto. Não há tratamento efetivo ou cura: para lidar com a prosopagnosia, a escapatória é se atentar aos cabelos, vozes, roupas e linguagem corporal.

E, reza a lenda, Brad Pitt apresenta sintomas.

Cartas do Leitor

VULVA'S THEME

Virginia Kleemann: Tenho recebido opiniões contrárias acerca das fotografias e ilustrações que enveredaram para o lado sexual, até a respeito de alguns textos. Outra questão: talvez o nome do jornal deva voltar a ser como antes, isto é, com mais destaque. Atualmente, ele está pequeno e na margem, quase saindo fora do jornal. Não chama o leitor, na minha opinião.

DA REDAÇÃO: *Obrigado pelas ponderações, Virginia. De fato, estamos mais abertos às temáticas sexuais por motivo de filho adolescente na família. Sobre a nossa logomarca, que caminha ao desaparecimento: é preciso jantar nossos nomes, dizia Wilson Bueno.*

MULHERES BEATS

Demetrios Galvão: Recebi uma leva de exemplares do **RelevO** enviada pelo editor. Uma edição muito bacana somente com escritoras da geração BEAT. Mais leitura, mais literatura boa.

OLHAÍ, RAFA!

Isabel Ribas: Gosto de escrever o que sinto sobre o **RelevO** e seus autores, com destaque a Rafael Antunes. Reitero minha admiração pelo seu trabalho. Um abraço muito amigo.

VAI, CAMPINAS

Ezequiel Theodoro da Silva: Passei por Curitiba há algumas semanas e me caiu nas mãos a edição de abril de o **RelevO**. Gostei muito, demais! Gostaria de me tornar um assinante; como faiz? Sou de Campinas e espero que o jornal caminhe até lá. Parabéns por esse lindo trabalho alternativo.

DA REDAÇÃO: *Vai chegar.*

NI SALLES & RAFA MELLO +
OPERÁRIOS DUB

Alice Coelho: Coisa linda isso: **RelevO**

+ Bardo Tatára + OperáriosDub + Ni Salles e Rafa Mello.

CAPA & AFINS

Ana Rüsche: Que felicidade!

Anderson Bogéa: Cara, que diagramação linda!

Daniel Osiecki: Sim. Demais.

Graziane Souza: Que orgulho do meu Luiz Prendin. Ele teve trabalhos publicados na edição de abril. Quem quiser adquirir o jornal, tem na Biblioteca Pública do Paraná (BPP).

DA REDAÇÃO: *E tem mesmo!*

Felipe Luis Custódio: Continuem mantendo o bom jornalismo vivo!

Leandra Theis: Com um pouco de atraso, eu sei, encontrei links sobre o **RelevO** e fiquei muito interessada, pois sou uma apaixonada incorrigível por literatura.

AÊ, MACEIÓ

Cid Brasil: Aqui é o Cid, de Maceió. O **RelevO** de março ficou sensacional! E eu fiquei muito contente em ter participado dele. Foi uma dupla felicidade recebê-lo em casa; enfim, vocês devem imaginar. Dessa vez chegou até primeiro do que o enviado pela amiga curitibana (sim, ela o mandou também! E para não me fazer de alfarrabista, o deixei no espaço de jornais da biblioteca da UFAL. Espero contaminar alguns mais!). Desde já, sorte com o jornal e mil assinantes de brinde.

TCHAU, OMBUDSMAN

André S. Gonçalves: Gente, parem de publicar a coluna de ombudsman. Os caras são muito fracos!

DA REDAÇÃO: *São!*

próxima edição

Michelzinho Temer

Bob, o Construtor

Deputado Boy Magia

Catulo

[e eu saboreio uma Irish Car Bomb]

LISA ALVES

Eu bebia uma *Irish Car Bomb*
enquanto crianças eram pulverizadas por bombas israelenses.

O Mal distante é legítima ficção até o dia que
nos extraem de nós mesmos para sermos outros.
Meu vizinho é um corpo de carne e ossos
e se ele se incendia eu penso em performance.

Adel Kadhri (Tunísia): performer
Jampa Yeshi (Índia): performer
Lâm Văn Tuc (Vietnã do Sul): performer
Prema Devi (Índia): performer

Contam que após o domínio do fogo
nossa espécie transubstanciou o cérebro
para algo hábil a criar bombas e rodas.

Adel Kadhri incendiou-se
Jampa Yeshi incendiou-se
Lâm Văn Tuc incendiou-se
Prema Devi incendiou-se

São Martinho articulava sobre o Homem ser fogo,
Buda propunha que o coração é a lareira
e Heráclito dizia: *do fogo tudo flui*.

Adel Kadhri é uma mensagem
Jampa Yeshi é uma mensagem
Lâm Văn Tuc é uma mensagem
Prema Devi é uma mensagem

Sonho com uma tempestade de fogo,
sonho com olhos volvendo em cinzas,
sonho com o cheiro amedrontador do Deus dos Mortos
colhendo infanticídios nos campos de girassóis da Ucrânia.

Adel Kadhri é um noticiário
Jampa Yeshi é um noticiário
Lâm Văn Tuc é um noticiário
Prema Devi é um noticiário

E eu saboreio uma *Irish Car Bomb*.

Ben-Hur Demeneck

1. ARTE DO EFÊMERO

O ombudsman recorre ao método de Bertolt Brecht para derrubar a “quarta parede” deste jornal literário diante do público. Para facilitar a demolição dos discursos, o representante dos leitores traz consigo um machado típico dos ancestrais vikings desse cargo escandinavo.

Convidados a se manifestar, os editores saem da sua condição de personagens para explicar como criam seu jogo de cena. MÉTODO: encadeamento de falas do núcleo editorial, obtidas a partir de um questionário comum e de entrevistas exclusivas. ELENCO: Daniel Zanella (DZ): o editor-chefe; Ricardo Pozzo (RP): o editor; Marcell Mengarda (MM): a diagramadora; e Mateus Ribeirete (MR): o revisor do jornal e editor da newsletter Enclave.

2. JOGRAL AUTORAL

Primeira cena: o elenco olha para a plateia e responde ao subtexto: *quais foram os autores que lhes tiraram a paz diante da literatura?* Preparação dos atores: sessão de grito primal. Sequência das falas (que podem ser intercaladas): MR: Jorge Luis Borges, Douglas Adams, Valêncio Xavier; DZ: Rubem Braga, Júlio Verne, Paulo César Pinheiro; MM: José Saramago, Fiódor Dostoiévski; RP: Raduan Nassar, George Orwell; MM e RP, em uníssono: Guimarães Rosa.

3. O MENESTREL

“Não gosto do ideal de jornalismo cultural como haute culture, seriedade de fraque, literatura de doutorzinho. Não deve existir um totem que não mereça ser derrubado. Ninguém é ‘inzoável’, nada é sagrado – principalmente nós mesmos (...) O que jamais faremos: usar dinheiro público” (DZ).

“[Nossa] transparência de método e de finanças veio a partir da constatação de que muita gente do meio cultural vive a se lamentar de condições subumanas, mas não abre suas contas.

Gosto de saber do tamanho do fracasso dos outros também. Não são poucos os casos de reclamações culturais de vida mansa” (DZ).

4. TEATRO ÉPICO

“A postura amadora e desapegada do **RelevO** nos favorece a não ter rabo preso, e isso atrai um público fiel. Somos uma várzea organizada, e essa leveza agrada – principalmente no meio literário, cujo senso de humor é inferior ao de uma endoscopia” (MR).

“Volta e meia entro em crise com esse chamado mundo literário, levado por alguns fatos como o de perceber que a literatura não tem importância alguma no correr cotidiano do mundo – a não ser para os que foram ou serão seduzidos por ela” (RP).

“A coisa menos ‘desperdiciosa’ da minha vida, até agora, foi a literatura e o que ela me trouxe. Concordo muito com o Leminski, quando ele diz que a poesia é um *inutensílio*. Acho que a literatura, no geral, é isso aí – um *inutensílio*” (MM).

“O escritor é um ser carente e o fracasso é sua moeda. O que fazemos, nós, do circuito cultural, é perfumar o fracasso. Isso deve incomodar aqueles de vida mais matemática, por assim dizer” (DZ).

5. FÁBULA LÍQUIDA

“O mundo atual é cada vez mais superficial. E não se deve culpar as pessoas por isso, [pois] o sistema biológico não foi feito para essa avalanche de informações e imagens à qual estamos sendo submetidos – o que pode levar as pessoas a terem comportamentos contraditórios ao seu discurso” (RP).

“É legal o quanto recebemos de retorno dos leitores, mesmo (e talvez principalmente) o negativo. É bom saber que alguém se importa [com o nosso trabalho], a ponto de entrar em contato (...). Porém, sinto que o diálogo entre a newsletter e o jornal poderia ser melhor aproveitado” (MR).

“O que interessa para o RelevO é veicular trabalhos bons e relevantes [esteticamente] (...). Até me surpreendi de não ter tido mais feedback horrorizado de capas alegadamente chocantes. A exemplo da edição de dezembro de 2015, que não ficou nem no ISSUU de tanta imagem de vagina [estampada] na capa (...). No fundo, acho que temos pouco a perder. Então, dá para arriscar mesmo” (MM).

6. PAPEL DO JORNAL

“Ainda acredito no impresso como um organizador do cotidiano. Em meio a uma enxurrada de informações, excitações, vaidades e desejos por atenção, o impresso pode ser este espaço de concentração, de comunicação mais dirigida, de diálogo” (DZ).

“É preciso encorajar e incentivar mais mulheres a escrever (de preferência, sem dizer que são loucas), porque a diferença quantitativa é clara e, talvez, deva-se ao fato de que as mulheres nunca tenham tido muito espaço para isso” (MM).

“[Você acredita que o impresso continuará por muito tempo um eixo, um centralizador da movimentação cultural nesse mundo em que há tanta dispersão virtual?] Sim. Principalmente quando O EDITOR RESOLVER A MERDA DO ISSN! CARALHO, ZANELLA.” (MR).

7. OLHANDO NOS OLHOS

O narrador expõe as respostas do núcleo editorial diante de um questionário feito sobre transparência. O recurso havia sido proposto, em 2007, pela Universidade de Maryland através de seu International Center for Media and the Public Agenda (ICMPA).

Cabe aos leitores se posicionar diante do autorretrato pintado pelos editores, que relacionaram de forma unânime o **RelevO** a três dos cinco procedimentos identificados à “Accountability”: (a) Correção de erros: *existe disposição para reconhecer e retificar os erros cometidos*; (b) Política editorial: *os*

leitores conseguem reconhecer quais são os valores que orientam o trabalho dos editores; e (c) Interatividade: *os leitores têm canais para expressar seus comentários e críticas*.

O quarto tópico – transparência publicitária – recebeu a maior parte dos votos (“o jornal expõe eventuais conflitos de interesses”), enquanto que a questão relativa à propriedade ficou próxima da marcação zero entre os editores (“os leitores sabem quem são os ‘donos’ do jornal”). Nesse momento, o apresentador discursa à plateia sobre a materialidade do mundo: segundo o estudo de Maryland (“Openness & Accountability”), apenas 11 dos 25 canais globais pesquisados publicavam ou transmitiam correções de matérias de maneira clara, e somente sete mantinham ombudsman. Uma realidade cruel é anunciada: “quando o assunto é transparência, até a BBC pode tomar umas aulinhas com o **RelevO** brasileiro”.

8. DESFECHO

Literatura, transparência e humor. Em sua última colaboração como ombudsman, o narrador afirma que é com essas três palavras que resume o jornal RelevO. Para ser mais claro, ele disserta: (a) literatura como cultura – antes mesmo de ser pensada como arte; (b) transparência como a exposição das escolhas editoriais em estética e “gestão”; e (c) humor – ora autoderrisório, ora ferramenta de liberdade de expressão.

O locutor convida ao palco seu substituto, o jornalista Silvio Demétrio. Elogia o “formalismo psicodélico e esquizoanalítico” de Demétrio e lhe entrega em mãos o machado viking dos ancestrais ombudsman. Embora tal cargo e objeto não estejam relacionados na Escandinávia, rendem uma metáfora para quem precisa invocar o poder dos leitores antes de partir ao meio as couraças da imprensa. O novo personagem recebe o amuleto e logo o tropicaliza, ao metralhar um discurso sobre Xangô na obra de Jorge Mautner. Cai o pano.

(41) 3552-5895 (41) 3552-1542



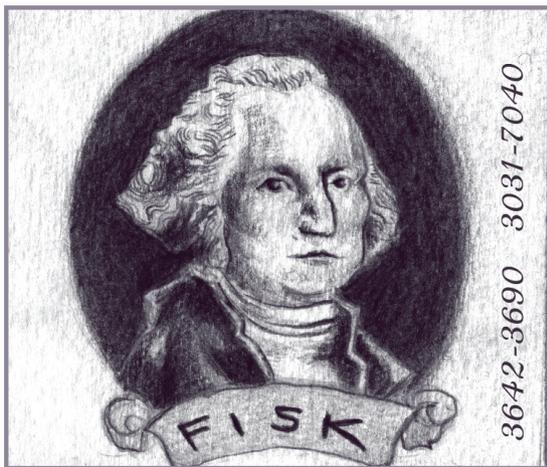
CONTATO@KOTTER.COM.BR (41) 3585-5161



PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO ARAUCÁRIA-PR

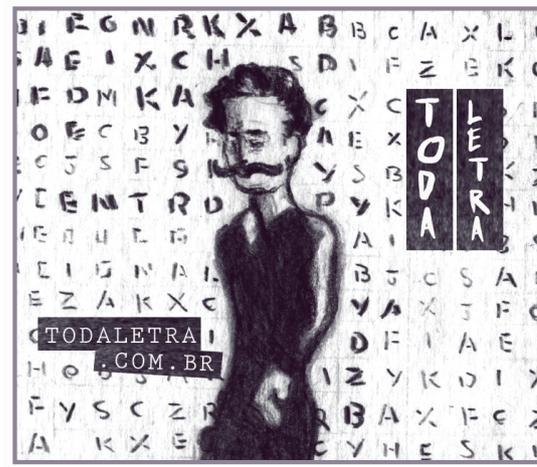


Luiz Otávio Prendin Costa



3642-3690 3031-7040

R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR



Alan Amorim

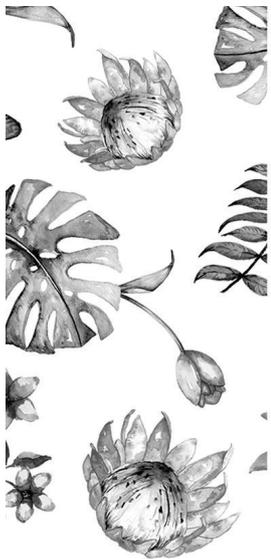


A editora completa 3 anos de atividades, contando com mais de 230 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).



Conheça nosso trabalho, acessando www.editorapenalux.com.br e facebook.com/penaluxpenalux.

Para envio de originais: originais@editorapenalux.com.br



Monstera

DESIGN DE SUPERFÍCIE

CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE ESTAMPAS EXCLUSIVAS PARA ÁREAS DE MODA,
DESIGN DE INTERIORES, DECORAÇÃO, PAPELARIA E UNIFORMES.



/monstera_atelier



/monsteraatelier



monsteraatelier@gmail.com



8832-8808 | 9533-7573

www.monsteraatelier.com.br

Edifício e Galeria Tijucas | Rua Luiz Xavier, 68 - Centro | Curitiba - PR

APRESENTAÇÃO ARLINDO MAGRÃO
E-PARANÁ AM 630 | DOMINGO - 13H



AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532
ARAUCÁRIA PR | (41) 3643-4881



(41) 3031-2357 (41) 9663-7557



Luiz Otávio Prendin Costa



LIVROS | VINIS

JOAQUIM LIVRARIA & SEBO

RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

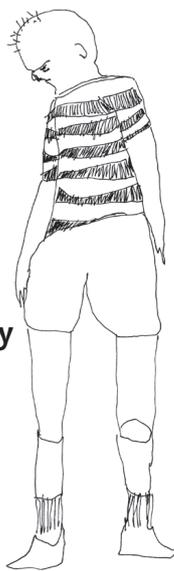
INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR

JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM

FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

Fábio Tokumoto/Carol Zanelatto

livro **contos**



As aventuras de Sadboy

Luiz Rodolfo Annes

facebook.com/EditoraMedusa/

próximos lançamentos

medusa

arte poesia literatura

revista

abrigo portátil

livro **poesia**

Estão todos se matando ou morrendo de helicópteros

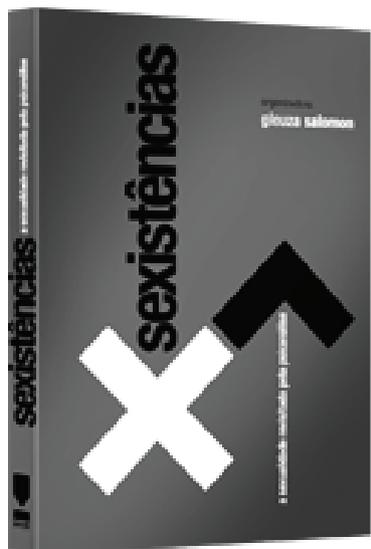


Renato Tortorella



editoramedusa@hotmail.com

LANÇAMENTO:



SENDAS
e d i ç õ e s

Sua hora e sua vez!
Publique seu livro

KOTTER
EDITORIAL

Envie seu original:
sendasedicoes.com.br

ANA ELISA RIBEIRO

guerra fria

passou-se
um dia
de silêncio
entre nós
vão passar
mais dois
o silêncio
quer ser
desdém
desprezo
mas também
é despreparo
ser feliz
é mesmo
raro

WHISNER FRAGA

a gaita

quando era o caso, isto é, quando havia tempo, eu o acompanhava, às vezes até ia além, me ajeitando debaixo do sovaco dele e deixava que se debruçasse em mim, às vezes eu o escoltava até uma pia e ele banquetava o granito, a louça, com o que restava no estômago, era um vômito triste, helena, quase em núpcias com a dor, um bolo de flores e sangue, despejado, às vezes no chão, quando não havia tempo,

e que graça a mãe dele nos obsequiando com sua erudição: os céus sempre estavam carentes de boas almas — “boas almas”, helena, era o termo que ela adotara para se referir aos que obedeciam os preceitos cristãos — como se isso fosse a solução, helena, como se a existência de algo sobrenatural e, digamos, sublime, inocentasse um deus das barbáries que inoculava, como se a chance de um paraíso garantisse um cabresto para nossa natureza,

eu sinto pena e experimento uma certa vergonha por sentir pena de meu amigo, helena, e então ele me convida para as comemorações de fim de ano e me vejo acuado diante de velas e assados e bebidas e de um presente inesperado: um livro de albert camus, ou melhor, uma tradução de um livro de albert camus, e todos festejam uma alegria até ali quase genuína, não fosse a lembrança, vez ou outra, da condição de meu amigo,

e morria, morria muito, vagorosamente morria, pacientemente, até que me confidencia não ter medo da morte, helena, porque ele não tinha

direito a esse luxo: não queria temer o inevitável, e se subia quatro lances de escada, afoito e acanhado, tinha dúvidas sobre sua força, pedia para que o livrassem da ferrugem a engolir seu oitavo de pulmão, e ofegava naquela escalada, como se desafiasse a tropa de células que traíam seu corpo, e ele seguia ao lado de seu deus imóvel e silente, como se desejasse provar que há um negócio chamado fé, que dá conta de tudo e talvez justamente por isso não receasse o fim: porque havia essa esperança de prorrogação,

só que o sangue, helena, é um recado muito claro e eu apostava que não haveria antídoto para a tirania daquela inviolável matilha de defeitos que agredia meu amigo,

e o que mais desejaria alguém com um oitavo de pulmão a dar conta de tanto ar? porque os quatro lances de escada eram uma baita vitória e eu imagino o que me censuraria se me visse hoje com um aliciante cigarro requebrando entre os dedos e a exultante derrota gravada na cara,

enquanto continuávamos discutindo temas sem saída e, naquela noite, meu amigo retornou com a gaita, helena, e chegou o instrumento à boca e assoprou a virilidade nos vãos do objeto e libertou o intolerável fôlego do oitavo de pulmão, para iniciar uma música tão suave, helena, que não tive escolha a não ser me entristecer e as notas se intrometeram em nossas aparências e se remexeram em nossas vergonhas e ele buscou outros sopros e continuou até o fim, para depois constatar o peito incendiando e

caminhar até mim e percebi que era urgente que encontrássemos um lugar onde descansasse,

e naquela manhã, eu estava diante do pai de meu amigo, que me trazia um pão já recheado com manteiga, que me servia um leite com café, que me deixava embaraçado, pois não aceitava essa gentileza como algo genuíno, sem interesses (mesmo que, você sabe, helena, fosse apenas o espírito cristão em prática),

exercitávamos nossa humildade, eu sabia e empunhava a xícara e comia e bebia, tentando me acostumar aos sabores matinais, quentes e, quem sabe, até aconchegantes, e depois fui até meu amigo, que estava em sua cadeira de balanço, debaixo da amoreira, acarinhando a gaita no colo, mirando-a com uns olhos consternados e reticentes, e não queria conversar, de modo que fiquei ao lado dele, helena, sentindo o cheiro de marias-fedidas que, de quando em quando, aterrissavam em nossos cabelos, e me virei e avistei uma trilha de dúvidas assolando o rosto de meu amigo e ele me confidencia algo entre o pudor e a convicção: seria positivo seu saldo nos céus? e eu o vejo calculando números impossíveis e, pela primeira vez, eu o ouço falar sobre uma mulher,

e ele me pede que o acompanhe e vamos a uma lanchonete, embora meu amigo não possa comer quase nada, e ele nota que ela está lá, como esperado, que ela está lá, como em quase todos os dias naquele horário, e ela pede um sonho-de-valsas à

atendente e em seguida descasca o bombom e o morde, como se esperasse há muito por aquele contato, em breve a realidade, a catastrófica realidade é liquidada por aquele outro céu, até que ela nos acha e se aproxima, abraçando meu amigo, passando a mão sobre os cabelos de meu amigo, quase nenhum depois das quimioterapias, como se os dedos dela formassem um pente, e não julguei o que haveria naquele carinho, mas percebi que ela achava possível que se apaixonassem, ela achava possível que fossem iguais (que experimentassem algo sem a peçonha do preconceito ou do racionalismo), que pudessem ser um par, de forma que marcaram um encontro para mais tarde,

então ele admite que ainda não ficara com uma mulher, que achava pecado, que melhor seria somente depois de casado, mas pondera que não lhe resta tanto tempo para se inteirar a respeito do tema, ou para escolher uma esposa, mas que uma noite com aquela garota valeria o risco, uma noite em que estimulassem a experiência da intimidade,

embora inconscientemente tivesse uma certa convicção de que seria impossível se arrepender do que talvez o aguardasse um dia desses,

e mais tarde ele estava bem, a ponto de poder sair sozinho,

depois, helena, meu amigo não me conta nada sobre aquela noite, mas não importa, na verdade é até melhor esse desconhecimento, porque eu sei como foi, eu sei: eis a minha história: ela o leva a uma pizzaria

aconchegante e entende quando ele lhe revela que não tem fome, mas que arriscará uma pequena fatia, e depois ambos estão em um hotel, onde um quarto já reservado os espera para uma madrugada de abismos e ela tem paciência para compreender que o oitavo de pulmão de meu amigo o deixa mais lento e ela tem a delicadeza de reatizar um sonho pisoteado pela crença e ela lhe ensina como uma mulher se despe para o sexo, como uma mulher se declara, decidida e pausadamente, como ela inflama o ânimo, o opulento ânimo de meu amigo, intercalado com uma determinada alegria, uma estranha e pungente umidade tragada por uma outra morte, menor, helena, mais imediata, incidental,

e no dia seguinte vou à casa de meu amigo e ele está na cadeira de balanço, debaixo da amoreira, e parece indiferente à minha presença, olha distante, tenta encontrar o horizonte de outro mundo, talvez o do inferno que acredita ter garantido naquela noite com ela, talvez o paraíso ou o vazio, o plano sumarento de uma morte inesperada, talvez o amor,

então eu o abraço, queria que guardasse essa lembrança de mim, sento-me ao lado dele, em um pedaço de cimento antigo, maltratado, fico também encarando as telhas da casa vizinha, procurando algo que não sei o que é ou se existe, alguma desculpa que nos fizesse desaprender aquele instante, até meu amigo recuar, até estar novamente perto de mim,

e ele acolhe a gaita nas mãos, ele a

levanta um pouco e logo em seguida a coloca no bolso e a tira novamente, acariciando-a, polindo-a, então ele decide que ela deve alcançar a boca, ele quer libertar algum ruído do instrumento, as pálpebras agasalham os olhos cansados de meu amigo, ele inspira o que pode e tenta assoprar, mas o esforço parece insuficiente, é óbvio que imagina a música, que não sabe se irradia pelas sombras da amoreira, se algum som desabita a gaita, porque pode confundir a melodia que invade a cabeça dele com a fábula de uma composição gorada, uma música que não existe no mundo real, porque meu amigo insufla um vento mirrado da garganta, ele ouve a canção novamente, triste, indecente, ele toca para ela, ela toca para a morte que o saúda do horizonte, vagarosa, como se o tempo não fosse mais algo que lhe dissesse respeito, ele desliza a gaita entre os lábios, esquerda, esquerda, esquerda, agudos, graves, direita, direita, e já não posso garantir que assopra, já não posso garantir que meu amigo esteja ali, que exista algum tipo de onda que se afaste da gaita, que algo possa ser feito para remediar a falta de uma orquestra que, helena, nos fizesse rememorar uma criação impossível, onírica, já não posso garantir que meu amigo tenha consciência do silêncio quase fúnebre que contamina o quintal,

hoje, helena, só posso garantir que aquela música afônica parecia um pedido de desculpas, um longo e obstinado pedido de desculpas à vida.

“Do jeito que está, não dá; do jeito que vai estar, *também não vai dar*”

Serginho Diniz, 28, empresário do ramo de apps para construção civil, infraestrutura e saneamento, revela seu lado despojado para o **RelevO Business**

Quando Serginho Diniz foi ejetado de um útero no Sírio-Libanês, na ala especialmente construída para o seu nascimento, já prematuro de onze meses, uma enfermeira suíça chorou de emoção – e foi demitida. “Eu era o bebê mais lindo do mundo”.

Desde cedo, Diniz sentiu que tinha vocação para o sucesso, já acreditando no livre mercado de bolinhas de gude – e na regulamentação forte desse mercado, imposta por ele, e que impedia, à época, a prática de esportes infantis por parte de gordos. O trema no nome veio depois: “descobri aos doze que para vencer no Brasil é preciso por mais que um pinga no i, por isso inseri dois”.

Visionário, a medida não poderia ter gerado sucesso maior. Em sua república de *playground*, Diniz instituiu o “rodízio de alegria”, por meio do qual seus amigos quebravam ovos no uniforme do porteiro. “Foi uma época maravilhosa, da qual me orgulho muito. Às vezes jogávamos bola no filho do porteiro, era incrível. Nós o incluíamos; para nós não havia diferença entre as pessoas, só amor. Por isso, quando ele chegava na quadra, logo chutávamos bolas nele. Bolas de basquete, bolas de futebol; até bolas de golfe, porque meu pai tinha várias”, o empresário narra, aos risos. “Para escapar, bastava ele responder ao quiz ‘Qual é a maior qualidade de



PING-PONG: Diniz por Diniz

Uma cor: salmão

Um filme: *À Procura da Felicidade*

Um ídolo: Ayrton Senna

Uma qualidade: determinação

Um defeito: sinceridade

Um pecado: gula. De sucesso

Um livro: *Quem Mexeu no Meu Queijo?*

Um país: África

Um sonho: sonhar. O resto é consequência

Dia mais memorável: o próximo

Um super-herói: Deus. E Buda

Uma missão: devolver à sociedade

Uma frase: “O essencial é invisível aos olhos”

Serginho?’, elaborado pelos meus pais”.

Um sistema de rifas para bolsa de valores, criado por Diniz no jardim de infância, ganhou o prêmio Crianças do Futuro. “Àquela altura percebi que queria mesmo ajudar as pessoas, principalmente as próximas de mim, e principalmente as idênticas a mim”. Ele completa: “a maior lição que aprendi com minha família é que a resposta para a felicidade não está nos objetos, nem em nada material”. Nesse momento da entrevista – realizada em seu helicóptero “até que eco consciente” –, Serginho passou dois minutos olhando o horizonte. “Preciso meditar”, disse, e assim o fez.

ALMA DO NEGÓCIO

Após um tratamento contra acne feito com semente de papoula e esperma envelhecido em barril de carvalho, Diniz abriu a sua primeira *joint-venture*, com auxílio da bancada Mais Pepino, Menos Picles. “Empreendo com a alma. Se assim não for, nem saio de casa”, disse-nos, agora na *coworking* em que trabalha sozinho, no coração do Leblon. Lá, o *brainstorming* – grande pivot dos negócios, segundo Serginho – é realizado diariamente. (VER GALERIA)

A paixão pela construção civil veio ainda com os LEGOs, cuja principal atração, para Diniz, era quebrar na mandíbula das sete babás que o alimentavam. “Eu era uma criança atacada”, brinca. “Acho que meu espírito empreendedor veio dessa inquietude!”. Aos dezesseis, por meio

de uma invejável internet ADSL, Serginho lucrou pela primeira vez: ele vendeu um de seus irmãos no site americano eBay por mais de quatro mil dólares. Os pais só perceberam dois meses depois, quando já era tarde: Diniz havia gastado os quatro mil reais em uma guitarra autografada por Rogério Flausino, na qual nunca encostou. “Sempre corri atrás dos meus desejos”.

Passados doze anos, sua essência parece a mesma: as horas livres costumam ser ocupadas por *frescobol*, *jogging* e planos para sua ONG “10-cência: por um país nota dez”, que no último mês doou mais de quatro milhões de reais à Fundação Prepúcio Dourado, de seu pai. Fã de música, também adora “Legião pra sentir, Foo Fighters pra curtir e Lucas Lucco pra dançar”. Antes de entrar em reuniões, sempre ouve rock: “a enorme versatilidade do AC/DC libera toda a minha subversão”.

Sobre política, Serginho Diniz é categórico: “do jeito que está não dá; do jeito que vai estar, também não vai dar. A gente precisa se conscientizar, ler mais; se informar”. Não à toa, correm boatos de que ele fundará seu próprio partido. “Talvez. Seria *super* social-democrata. Muito consciente na ecologia, muito aberto ao mercado, muito dedicado a quem precisa”, postula. “Para mim não existe direita ou esquerda, apenas cima e baixo!”. Concentrado, Diniz logo retira seu moleskine da maleta, traça uma linha no centro da página e começa a listar os prós e contras de investir em uma nova *app* a pedido do coletivo Socialistas Com Fazendas. Nós já sabemos para que sentido ele vai.

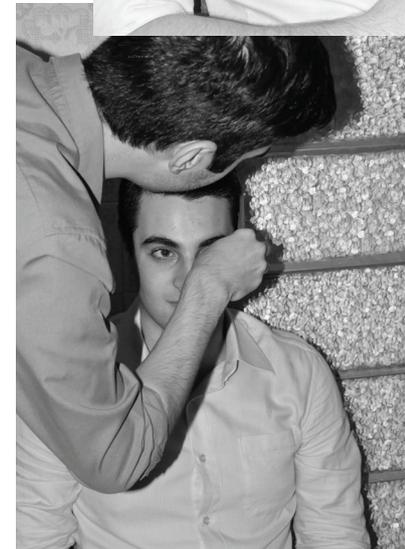
Momentos: nossa estrela posa para a sessão de fotos preocupado com a situação global...



... como o homem de negócios que é, sem perder o charme jamais...



... irreverente...



... e, num momento ‘atrás das câmeras,’ com o hair stylist M. Antônio di Ribeireti.

FELIPE FRANCO MUNHOZ

trecho de **Mentiras** (Editora Nós, 2016)

— Cê? Né? Pra? É isso o que você quer?

— Thaís não tem a mesma consciência que nós.

— Isso importa?

— E quanto ao uso de pessoas misturadas? Você, deixa para lá; você, olha ali; você, desculpa. E quanto aos resmungos? Uh-huh. Fico tentando lembrar os textos que. *O som e a fúria*, por exemplo, é cheio de transgressões à norma culta. Quase fiel. Bem próximo da realidade.

— Nunca será, Felipe. Você pode experimentar à vontade. Não adianta cortar frases pelo meio: *lembrar os textos que*. Nunca será real. Não é uma conversa de fato. Não é a vida de fato. Palavras, sendo palavras, apenas se aproximam da coisa real. E não importa quão perto você chegar, você apenas chegará *perto*. Proceda, então, da forma em que você, ou cê, transparecerá você mesmo.

— Tudo bem, vou pensar no assunto. E os pontos finais? Quando estou andando pela rua, desocupado, gosto de passar o tempo fingindo que meu pensamento não tem qualquer pontuação.

— [risos] Do jeito que J. Joyce fingia que as pessoas pensavam.

— E então lembro W. Faulkner a melhor parte aquela famosa do

retardado já perdi as contas quantas vezes li talvez fingir não acha conversarmos assim também do jeito que eles inventaram *De repente vem alguma coisa em itálico, alguma coisa do passado* mas Faulkner separa essas ideias com pontos você sabe apenas solta a mão de vez em quando [risos] claro não estamos falando de cinquenta páginas e parece bem próximo da linguagem oral e Benjy retardado nunca entende os pontos de interrogação é incômodo no início talvez eu devesse não cortar só os pontos finais mas voltar lá atrás e tirar a sua interrogação também Ela não pode ficar e eu agora não diria soltar a mão parece displicente e quanto a reticências não ridículos três pontos a exclamação sim meu trecho preferido é *Caddy tinha cheiro de árvore na chuva* e você parece Philip estar ficando entediado ou ameaçador *O ponto de exclamação não se assemelha a um ameaçador dedo em riste?* T. Adorno! Foi só um teste, nada disso, tudo bem.

— Você trabalha em um livro; não está andando pela rua, desocupado.

— Foi só um teste.

— Você não está desocupado pela rua, é muito mais sério: está cavando.

Paletó e o Palito de Dente

MARCELO PIACECKI

Pouco adiante dali, à deriva, na calçada disforme, definhava um cefalópode. A quietude inquietante: Palito de Dente balbucia ao Paletó:

— De quem é a culpa, será?, do povo?, é o povo que é pacóvio, parvo, é? Capaz... Uma parada de ônibus.

— O povo, ou o polvo?

— O povo...

— Ah, sim, é claro... Dizia-me da culpa, não é? Receio que não haja um dono, é o que creio; senão, acaso alguém o seja, lastimo que sejamos nós; o povo não é um, não é dois, é dez, é mais...

— É dez “vez” vinte milhões! Sei, sei... Mas, pois, discordo; a culpa é das empreiteiras, atores, dos presidentes, graúdos gordos, por mim, os criminosos às celas. E não seria o caso?

— Veja bem, bem veja, criminoso por criminoso, que encarcerem o patife, safado, que me vendeu, hoje, um béque mofado — o Código de Defesa do Consumidor e suas lacunas.

— Mofado, é?

— Infelizmente, sim; veja só, se pode, como se tacado ao talco.

A palma lhe é estendida.

— Uma pena mesmo; que desgraça, não? — denúncia de desinteresse, após análise do que lhe fora apresentado.

— Isso que não lhe contei o que o canalha me disse; objetei, é claro; e o canalha argumentou, explicando-se, que se tratava de green little white, coisa fina; como se caísse nessa; no

entanto, resignei-me, nesses casos não há muito que se fazer.

— Uma pena, mesmo... Por isso, digo: deveria prender todo safado que fosse, que, por mim, falta não faria.

— Só cuide, numa dessas te apanham também — o crime grande é grande, vê-se de longe, mas, de miudezas em miudezas, constroem-se fortalezas, indeléveis.

— Bobagem.

— Pode ser que seja.

— Mas, e o polvo; que você acha?

— O polvo, ou o povo?

— O polvo...

Paletó, então, destinou uma olhadela ao polvo, que se apodrecia, ao pé do ponto de ônibus; embrulhou-lhe o estômago.

— Não sei, será que está morto? Podre, apodrecendo, parece. Nunca me afeiçoei muito a moluscos, mas estamos num Estado de Direito, dizem, portanto, temos de mantê-los, à integridade, refiro-me.

— Não está morto, não. Tem cheiro de podre, é verdade, mas veja como o bichinho se debate, esmorecido, fatigando-se a alçar-se alcançar o oceano que não há.

— Deixe-o que se debata, por sadismo ou diversão que seja.

— Debate, refuto, tal que praga, putrefeito, se para deixá-lo assim, a se debater, por mim, o abate.

Não entendo nada de jurisdições, e conduções coercitivas — isso deixo aos paletós, aos senhores, ao senhor.

Rebato e reitero, em plenitude de minha santíssima ignorância, que é o que tenho, temos: abate.

Nisso, abruptamente, ceifando as palavras, as conversas, apearam-se do camburão, sujeitos fortes, fardados e coturnos calçados, digníssimos, que se prestaram a recolher o referido molusco, exaurido, e, então, levá-lo aos autos, enquadrá-lo por crime que fosse; senão, mesmo, redigir sua certidão de óbito. Inobstante a prestatividade das zelosas autoridades, os juristas se antepuseram, alegaram a coerção. E uma multidão já se aglomerava por detrás do cordão de jornalistas, estes, incumbidos da verdade pelo bem do sensacionalismo. E a multidão se converteu em ato, manifestação. Tudo televisionado, para poltronas e pipocas; além, é claro, dos comentaristas em tempo real. E o povo era contido pelo cordão de jornalistas, que, por sua vez, era contido pelo cordão de policiais. Todavia, sobreveio, em meio ao burburinho e a balbúrdia, um grito, aflito, que, de tão ardido, foi possível se ouvir, ante a consonância de barulhos, e pararam-se os baralhos, pois que não havia mais cartas para o jogo, não havia mais jogadas possíveis.

— Soltem o povo! — foi que se gritou.

— Povo, ou polvo?

— Isso!, soltem o polvo, não vê que o machucam, espremendo-o? —

posicionou-se outro.

— O povo! Não contenham o povo! Defiram o linchamento!

Cada curioso vociferava o que lhe convinha, o fruto da subjetividade.

— Soltem o povo!, soltem-nos, soltem-nos, que o povo mede a justiça! Exonerem os juízes, que o povo tem a medida da justiça na palma da mão.

— Absurdo! Os direitos, não violem os direitos, soltem o polvo. Arbitrariedade é uma ditadura em miniatura!

— Ditadura, ditadura! Soltem o povo, compartilhem conosco a justiça, que esta compete a nós, a nós, ninguém mais. Onde está a democracia?

Mediante calorosos pedidos, tão iguais e diversos, o polvo foi, no fim, enfim, encaminhado à delegacia. O povo voltou às suas casas. Liberou-se a via, interdita, ora, pelos manifestantes. Assim, o ônibus chegou, e pôde levar consigo as pernas que aguardavam a parada.

Todos a tudo esqueceram, quando se foram. A não ser por um, apenas, um antropólogo. No ônibus mesmo, ele, o antropólogo, que permanecera em silêncio todo o tempo, observando o ocorrido, analisando-o, sem emitir suas opiniões, pois, praxe, quem sabe mais é quem fala menos, contentou-se em deitar o caderno e a caneta sobre o colo, e dar início, ali mesmo, à rota do coletivo, ao seu mais novo ensaio: O Povo, o Polvo e o Espetáculo da Pacovice.

SANDRA REGINA

Soneto de Infidelidade

Nem sempre, meu amor, esteja dentro
Antes, saiba fazê-lo entre tantos
Que mesmo em fase de algum lamento
Estremeça em meu corpo vibrando

Quero tê-lo nos vãos em movimento
E nesse calor me lambuzar de encantos
E rir sem siso, te desejar num canto
do meu delírio de acasalamento

Assim, em cada vez que te procuro
Quem sabe, com sorte, eu ainda salive
Quem sabe, com tesão, na minha cama

Eu possa ter teu membro em riste:
Que não seja só rápido, mas sacana
Que esteja interno enquanto duro

GABRIELA CARVALHO

Para Nicole

Hibiscus de Vênus,
Involucro-me em tuas pétalas,
No seio de nossa matriz tange os gozos;
Néctar de noites de outono antecipam a primavera
em 11 jardins celestes de mesma flor;
Não me culpe, oh, Deusa Isis, se o chá servido
nas manhãs de júbilo levar-me aos delírios na
ilha de Lesbos,
Se assim for, te convido a adentrar na mais bela
xícara de Afrodite
Num só salto abraçar nossas almas e deixar nossos
corpos caíram em águas mornas de cor púrpura
Ritmicamente, Performar um nado sincronizado no
nosso próprio tempo espaço
Por fim, mas só deste verso, exalar a essência do
nosso frasco uno, capaz de diluir na história toda
glória de Jean-Baptiste Grenouille.
Floresceremos.

Sentidos

GABRIELA VENTURA

I À frente a elevação do joelho, o feltro das coxas, a linha de corte da virilha e os quadris, braços, pescoço, a confusão dos cabelos. A coluna arqueada num instante impossível. E cada curva das costelas é reflexo na água, contorno de nuvem, pedra fria de cárcere inesperado. E a barba por fazer é espera que cresce invisível, um talhe na xícara de porcelana fina, no dia de natal. Assim a exploração seguiria, não fosse a luz da tarde à janela, que o vento na cortina libertou. Porque tão certo quanto fechar os olhos é senti-los alertas nas pontas dos dedos.

II Foi porque reconhecemos uma inquietude mansa em nossos olhos, uma espécie de revolução silenciosa e solene. A locomotiva que passa sem fazer qualquer barulho sobre trilhos paralelos, alheios aos homens e suas pressas. Sim, foi por esta razão e não outra – embora pudéssemos ter forjado mais uma centena delas, se quiséssemos – que todos os diálogos inventados escaparam finalmente dos céus da boca e se tornaram pássaros. Ao fim de todas as tardes – porque é à tarde, sempre foi tarde.

III Para cada palavra escrita que te coloca cada vez mais longe, um cigarro aceso em frente ao computador: manobra estratégica tão silenciosa quanto a minha saudade. A muralha de linguagem vai arder, não duvide. E as cinzas dos tantos adeuses ensaiados não mancharão meus pés.

IV Quero aquele corpo que se desmancha em palavras, o único palpável na escuridão. Versos que soem como beijos e línguas que nos descrevam redemoinhos. Congelar o tempo no exato instante em que a pele se arrepia e os olhos ardem.

V Para que o dia amanheça. Com o obstinado silêncio que se presta às tarefas realmente graves: levante um braço, e depois o outro. Desencaixe os quadris e erga os cobertores o suficiente para que possa girar o corpo em direção à beirada da cama. O esforço para levantar-se será imenso – convém erguer-se, pois, com os dois pés. (E que o calor do corpo e o cheiro sob os lençóis sejam parte de um sonho, daqueles que permanecem na memória por um instante brevíssimo depois que se abrem os olhos. Que o choro, se ainda houver choro, seja levado pelo banho quente, abafados os soluços com espuma e resolução. Que o adeus não seja dito, sequer sussurrado, de tão óbvio: esta – como todas as outras que a antecederam – pode ser a última vez.) Ele há de voltar esquecer arrepende-se sumir apaixonar-se, mas você não sabe, e jamais o saberá.

paisagem gasosa

DEMETRIOS GALVÃO

o verão se acende
em fogo indomável.

as noites evocam sois apócrifos.

demônios alcalinos se inquietam
e dormir se torna impossível.

— incompleto reino
onde as palavras
não abençoam ruínas —

na penumbra, se agasalham
antigas febres hereditárias,
bisnetas de capitâneas do terror.

chafariz de assombrações
orações para santos sem nome próprio
os excessos da linha do equador.

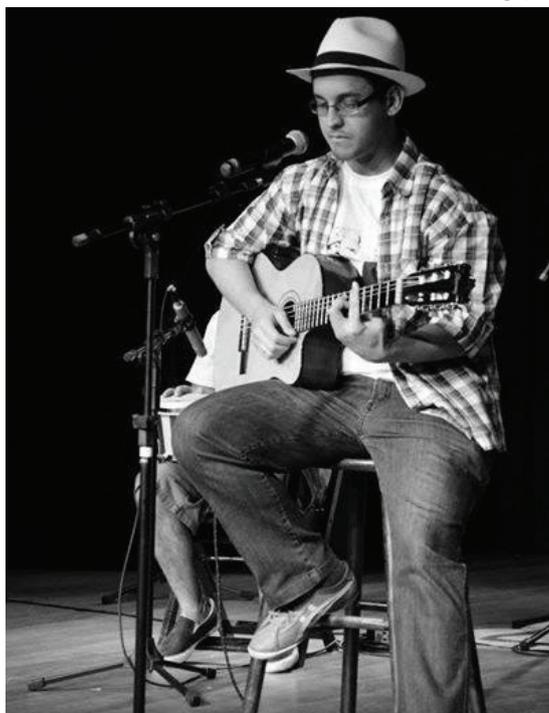
— contemplo em silêncio a rinha polivalente.



O afrojazz de Igor Menezes

DA REDAÇÃO

Divulgação



Quando chegou em Curitiba, há dez anos, o sergipano Igor Menezes sabia que não seria fácil. Veio para ficar somente três meses. Não voltou mais. Sob o lema “Saindo da cela e partindo pro chão/O abraço da terra, /Estripulia?/É poesia na canção”, Igor Menezes produz um trabalho musical difícil de encaixar em gêneros, com fortes marcações poéticas e multiculturalidade sonora.

Violonista desde os 16 anos, com formação erudita e popular, ele caminha por influências de ritmos afro-brasileiros como o samba, o ijexá e o maculelê, pelo regionalismo da canção nordestina e por ritmos urbanos como o jazz e a bossa-nova. “Piso em todos os lugares e em lugar nenhum”, alega.

Participa de diversos festivais pelo Sul do país. Em 2015, foi premiado no Festival Mensagem de Apucarana com a canção “Alquimia”, 1º lugar na categoria Letra e segundo lugar no Geral. Em 2014, participou do disco “Curitiba Canta Tatára”, em homenagem ao poeta e compositor curitibano João Gilberto Tatára, gravando a faixa “Jogo de Espelhos”.

Igor frequenta a Segunda Autoral desde 2011. “O Tatára foi fundamental no processo de estabelecimento do meu trabalho em

Curitiba. A Segunda Autoral é uma experiência de organicidade cultural na cidade e uma demonstração evidente de como é possível trabalhar com música própria, de forma sólida”, alega.

Lançado em maio, “Lugar Nenhum” é o primeiro trabalho do compositor e violonista. Produzido por Eugênio Fim, o disco é composto por dez faixas e tem como base elementos afro-americanos, trazendo um bom panorama do trabalho do músico, que transita da moda de viola à polca e ska.

O disco também conta com participações de Ni Salles, Charles Espíndola, Vina Lacerda, Beto Pacheco e Sérgio Albach, entre outros músicos reconhecidos do cenário musical curitibano. “É desafiador viver de música própria em Curitiba, é uma busca constante por abertura e validação. Ao mesmo tempo, as portas se abrem quando o trabalho tem consistência. Precisamos, sim, criar uma cultura de novidade, ter a cabeça mais aberta, uma maior leveza de interações”, afirma.

“Produzir a própria música é encontrar uma liberdade íntima para concepção de um universo próprio, é poesia, esmero, busca por perfeição técnica”, completa.

<www.igormenezes.net.br>

<facebook.com/IgormenezesCancaoepoesia>

<soundcloud.com/igormenezesoficial>

O molejo de Cassiano Ribeiro

DA REDAÇÃO



Divulgação

O curitibano Cassiano Ribeiro nunca escondeu de Adriane, sua mãe, o que gostaria de fazer da vida. “Lembro-me dela dizer, quando comecei a tocar na noite curitibana, aos 14 anos, que podia, sim, trabalhar, mas tinha que estudar. Bem, aceitei as condições, agradei muito a confiança, mas reprovei naquele ano”. E já era tarde: no ínterim, a mãe já tinha assinado uma carta de emancipação do filho.

Noutra ocasião, cabulou aula para tocar e tentou levar a mãe na conversa. “Ela não parava de ligar, querendo saber onde eu estava, como estavam os estudos”. Enfático, Cassiano alegou estar no intervalo da escola, tranquilo, os estudos tinham rendido. “Curioso você dizer isso, filho, pois estou vendo você aqui do fundo do bar”. A mãe tinha passado a noite inteira ouvindo o filho tocar.

Por quase quatro anos, Cassiano formou uma dupla sertaneja, Dan & Cassiano, percorrendo praticamente todas casas noturnas de Curitiba e região. “Esse período foi fundamental para o meu trabalho, pois me deu uma ideia real do que é presença de palco, desenvolvimento de segunda voz, presença vocal, timing com o público. Sem falar que é um meio com uma vibe muito legal. Contudo,

o circuito é muito fechado”, afirma. Nessa época, lançou o disco *Elas Querem Me Enfeitiçar*.

Começou a tocar na Segunda Autoral do Tatára em 2010. “Foi onde aflorou meu lado compositor e passei a me aventurar por outros gêneros musicais, a ganhar confiança”. Passou, então, a transitar também por MPB, samba e pop, indo, certas vezes, de Jota Quest a Molejão em menos de uma música. “Poucos falam da importância de repertório, de conseguir estabelecer o próprio trabalho e agradar o público também. Toco de tudo, não tenho preconceito com nada”.

Ultimamente, tem ouvido muito Lenine, Seu Jorge e Zeca Baleiro, músicos que auxiliam em sua produção e método de composição. “Não é fácil trabalhar com música autoral. A aceitação é pouca, os espaços não abrem suas portas para o novo. Entretanto, é muito satisfatório quando uma música sua começa a cair no ouvido do público dos bares”. Foi o caso de *João e Maria de hoje em dia*, composição sua com o curitibano Fabio Zonatto. “Nem gosto tanto dessa música... Mas ela tem um refrão que cola mesmo”.

Cassiano tem um disco gravado em 2014. Se chama *Aí que sou eu!*.

As gravações do seu segundo EP estão previstas para outubro de 2016. “Pretendo fazer um álbum mais acústico, com muito violão e trabalho de vozes”. Aos 26 anos, tem planos de adquirir o próprio estúdio, trabalhar com novos artistas, produzir canções. “Gosto muito de fazer locuções, vinhetas. Tudo o que é do universo sonoro me interessa”, completa.

<facebook.com/cassiano0000>

<soundcloud.com/cassiano-ribeiro>



apagamento

ADELAIDE IVÁNOVA

*“Though I’m past one hundred thousand miles
I’m feeling very still”*
David Bowie

*“Ver uma paisagem, tal como ela é quando
não estou ali...”*
Simone Weil

eu tenho falado
de você há alguns anos
espalho lendas a seu
respeito com o intuito inadequado
de embelezar a minha própria
biografia hoje
quando falei de você
no bar não aconteceu
nada demais seu nome
foi mencionado por mim
como tem sido há sete
anos você que representa
ao mesmo tempo
útero e exílio que
me fez ao mesmo
tempo fugir
e voltar pra casa
seu nome foi mencionado
nesse dia como foi
em quase todos os outros
a diferença foi que hoje
só havia a linguagem e
eu já não tinha mais
para onde ir
enquanto eu dizia
seu nome.

O poeta da Zona Desconhecida

Ademir Demarchi

Conheci Erly Welton Ricci em Maringá, sempre com um sorriso discreto e silencioso, um ar de hippie, criado naquelas utopias dos anos 1960. Por isso, era ligado a música, fotografia e literatura, e interessado em viagens alucinatórias que ilustrariam muitos dos seus poemas publicados em livretos feitos em mimeógrafo. Sempre na estrada com a profissão de fotógrafo, depois de viver em Maringá e Curitiba, se fixou em Antonina desde 2002. Morreu numa terça-feira, 26 de maio de 2015, aos 59 anos.

Numa biografia que me forneceu, informou ter nascido em 1955, em Londrina, graduou-se em Psicologia (UFES/ES) e Letras (UEM/PR). Atuou em jornais como *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Correio Brasiliense* e *Folha de Londrina* e revistas como *Planeta*, *IstoÉ* e *Em Tempo* – como editor. Foi correspondente da Agência Folha na África do Sul, Bósnia e Afeganistão, na década de 1980. Publicou dois livros: *Poesia Y Austeridade e Imagética In Fine*.

Ele lidava para publicar dois inéditos, *Mitophobia*, uma série de cem poemas para serem lidos em voz grave, e *Zona Desconhecida (aliteração dos signos)*. Escrevi para ele uma apresentação para *Mitophobia*: esse livro é percorrido por uma constante metafísica que se sobressai em poemas marcados pela metalinguagem, nos quais alcançar uma resposta sobre o que seja a poesia é tão proeminente quanto encontrar sentido para a vida contemporânea regrada pelo consumo.

Essa metafísica alcança o tom máximo no poema “Hipóstase”, em que o escritor a desvenda presente em todas as coisas, até mesmo “na ética, na política, no dinheiro ou na palavra”. Esse questionamento que percorre os poemas não baixa o tom até encontrar sua explosão de impaciência em “No procênio”. Ali, o escritor radicaliza o aparente conforto fantasioso de sua

Macondo para afirmar uma atitude ainda mais intensa de ir contra a corrente. A constatação eliotiana de que “somos ocos”, manifesta num dos poemas, já não basta. Passa a valer, então, um tom que o aproxima da insatisfação em relação a tudo, rimbaudiana, recoberta por uma imagética baudelaireana, que parece se insurgir desde a dedicatória – “a quem em sódio fervilha – escrevo:”.

Montale, Borges e outros escritores também fazem eco nos poemas, num amálgama que busca o barro dos tempos ilustrado com elementos da mitologia antiga, como Sísifo, uma espécie de cognome existencial do poeta, em sua ação para negar a falsa mitologia do presente. A linguagem desse conjunto de poemas é alegórica, procura se distanciar do tempo presente, tentando uma utopia do extemporâneo através da imagética e do vocabulário às vezes estranho, às vezes rebuscado, em que é notável o uso da conjunção “e” grafada como “y”. A vivacidade poética, que no sódio fervilha, se arrasta como lesma lambendo com o corpo surrealmente cada poema, até o livro se acabar nos últimos versos: “no fio / da espada”.

A seguir algo de sua poesia.

“PEDRA DOS MITOS”: “A hora mais pesada é aquela / Que ainda vem / Enquanto eu / Sísifo / Heráldico / Da pedra e da montanha / Sopro letras de sabão // A hora mais pesada será ainda / Mais adiante / Porquanto eu / Diógenes / Estoico / Sem lupa e sem livro / A lâmpada apagada // A hora mais pesada é a que está por vir / Antes que eu / Verdugo / Wakizashi / No ventre e na garganta / Corte a última palavra”.

“MACONDO”: “é onde estabeleço/ entre precipício e começo/ hospício é meu endereço // por isso lhe dei meu preço / prego velho na mão de cristo / será esse nosso incesto/ será esse nosso início”.

Paulo Venturelli – de dentro da academia

Daniel Osiecki

A literatura curitibana contemporânea vem revelando grandes escritores; muitos poetas, mas nem tantos prosadores. Há ótimos prosadores que, de alguma forma, estão ou já estiveram vinculados à academia. Naturalmente, não é uma regra, e sim uma recorrência. O problema é que boa parte desses bons escritores não são tão divulgados ou seus livros são mal distribuídos pelas editoras. Muitas vezes são mais reconhecidos por seus trabalhos acadêmicos.

Paulo Venturelli é um dos escritores mais relevantes de sua geração. É professor de literatura na UFPR e um dos principais bakhtinianos do Brasil. Ele também tem uma obra literária extensa e diversificada *Transita* entre gêneros diversos, como conto, crônica, literatura infanto-juvenil, romance.

Venturelli nasceu em Brusque, em 1950. Cedo se mudou para Curitiba, onde se formou em Letras na UFPR. Doutorou-se em literatura pela USP. É uma referência aos estudantes de Letras de Curitiba. No período de graduação, assisti a inúmeras de suas palestras. Tínhamos que nos preparar para participar dos debates, pois o professor causava certo receio até nos estudantes mais atentos.

Conheci o Venturelli ficcionista através de seu volume de contos, *Fantasma de caligem* (2006). Livro visceral. Nesta coletânea, ele demonstra ser um grande mestre da narrativa curta. Conciso, erudito e experimental quando necessário. É uma pena que a editora responsável pela publicação o tenha distribuído pessimamente.

Em 2012, a Kafka Edições, comandada pelo escritor (e também professor universitário) Paulo Sandrini, publicou *Histórias sem fôlego* (contos) e *Meu pai* (romance).

Em ambos os livros, há os mesmos elementos estéticos já mencionados, mas é principalmente no volume de contos que Venturelli demonstra ser o grande narrador que é, com domínio de técnica e translúcido senso de inovação.

Histórias sem fôlego é dividido em três partes. Alguns contos são estruturados de forma tradicional, com enredo estanque, diálogos, ação. Outros são pequenos flashes do cotidiano; há aqueles que se aproximam de aforismos. Como Venturelli é um estudioso de Bakhtin, deixa transparecer em certas narrativas questões teóricas como o dialogismo e a exotopia (a forma como vemos o outro e como o outro nos vê). Um bom exemplo de alteridade é o conto “O gato”, no qual Venturelli faz relações com Poe e Scorsese.

O livro todo segue uma regularidade ímpar e os contos são extremamente bem escritos, sem cair nos lugares comuns e clichês. O autor flerta com questões homoafetivas, como nos ótimos “Passagem para uma noite de sábado”, “Os muitos dotes”, “Amor de verão” e “Sol negro”. Venturelli se despe totalmente de moralismos e atinge uma coloquialidade singular. O que não acontece no romance *Meu pai*, que também é muito bem escrito, a estrutura romanesca é de extremo bom gosto, mas parece carecer da pegada mais anárquica dos contos. Mesmo assim, *Meu pai* é um livro muito fluente e deliciosamente emotivo. Nunca piegas. É um bom exemplo de romance de formação.

Diante de um escritor prolífico, recomenda-se que o leitor procure seus diversos títulos de variados gêneros. Lembrando que sua carreira literária é tão relevante quanto sua carreira acadêmica.

frases do mês:

“O DISLÉXICO TEM QUE SER MAIS RESPEIDATO.”
LUIZ, AMIGO EM REDES SOCIAIS

“CODAF YN GYNNAR BOB DYDD”
“ACORDO CEDO TODO DIA” EM GALÊS

“O FILME É SEMPRE PIOR QUE O LIVRO.”
QUALQUER TROUXA

não perca, na próxima edição:

- PAPO EXCLUSIVO COM PAPA FRANCISCO, QUE INFELIZMENTE NÃO COMPARECEU À ENTREVISTA
- TESTAMOS O DESODORANTE ROLL-ON EM FORMATO DE PÊNIS. NO LUGAR ERRADO
- PERIGO! COMO EVITAR ZIKA, DENGUE E AQUELE AMIGO QUE SÓ QUERIA MOSTRAR UM POEMA